

**SOBRE GOTAS DE CHUVA: A CATEGORIA CONSCIÊNCIA NA OBRA DE L.S VIGOTSKI COMO CAMINHO PARA A FORMAÇÃO HUMANA PARA ALÉM DA DICOTOMIA CORPO-MENTE**

**SOBRE LAS GOTAS DE LLUVIA: LA CATEGORÍA CONCIENCIA EN LA OBRA DE L.S VIGOTSKI COMO CAMINO HACIA LA EDUCACIÓN HUMANA MÁS ALLÁ DE LA DICOTOMÍA MENTE-CUERPO**

**ABOUT RAINDROPS: THE CONSCIOUSNESS CATEGORY IN THE WORK OF L.S VIGOTSKI AS A PATH TO HUMAN EDUCATION BEYOND THE MIND-BODY DICHOTOMY**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.52792>

Jennifer Aline Zanela<sup>1</sup>

André Malina<sup>2</sup>

Ângela Celeste Barreto de Azevedo<sup>3</sup>

José Milton de Lima<sup>4</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é situarmos a leitura de Vigotski sobre a categoria consciência a partir da crise na Psicologia que produz, no interior das teorias psicológicas, um imobilismo na compreensão da subjetividade humana, acarretando uma cisão no entendimento do indivíduo. Dessa forma, discutimos textos do autor no Tomo I das Obras Escolhidas que apontam para possibilidades de superação da crise de método instaurada e do dualismo que permeia e assombra a Psicologia até os dias atuais. Elegendo a categoria consciência como uma possibilidade de unidade corpo-mente, concluímos que Vigotski faz um esforço teórico para elaborar uma teoria que almeja a compreensão do ser humano enquanto ser social.

**Palavras-chave:** Dualismo. Unidade. Consciência. Formação Humana.

**Resumen:** El propósito de este artículo es situar la lectura de Vygotski de la categoría de conciencia desde la perspectiva de la crisis de la Psicología que produce, dentro de las teorías psicológicas, un inmovilismo en la comprensión de la subjetividad humana, llevando a una escisión en la comprensión del individuo. De esta forma, discutimos textos del autor en el Tomo I de Obras Escogidas que apuntan posibilidades de superación de la crisis del método establecido y del dualismo que impregna y acecha a la Psicología hasta nuestros días. Eligiendo la categoría de conciencia como posibilidad de unidad cuerpo-mente, se concluye que Vygotski hace un esfuerzo teórico por elaborar una teoría que apunte a la comprensión del ser humano como ser social.

**Palabras clave:** Dualismo. Unidad. Conciencia. Formación Humana.

**Abstract:** The purpose of this article is to situate Vygotsky's reading of the category of consciousness from the perspective of the crisis in Psychology that produces, within psychological theories, an immobility in the understanding of human subjectivity, leading to a split in the understanding of the individual. In this way, we discuss texts by the author in Volume I of Selected Works that point to possibilities of overcoming the

established method crisis and the dualism that permeates and haunts Psychology until the present day. Electing the consciousness category as a possibility of body-mind unity, it is concluded that Vygotsky makes a theoretical effort to elaborate a theory that aims at understanding the human being as a social being.

**Keywords:** Dualism. Unit. Conscience. Human Formation.

### *Introdução*

Uma das questões para estabelecer relações entre o estudo da psicologia e o marxismo é a multiplicidade de vieses encontrados, principalmente sobre autores que guardariam aproximações possíveis. A partir da própria psicanálise, em estudos impulsionadores da teoria freudiana e do marxismo, gerou a possibilidade de junção conhecida como freudo-marxismo (MARCUSE, 1999; ALTHUSSER, 1980; FROMM, 1970).

Mais especificamente, diante dos estudos da psicologia e do marxismo, uma das questões que podem emergir é a consciência. Marx e Engels já mencionavam a concepção de homem e trouxeram oposições ao processo de humanização referente à consciência e à conscientização no modo de produção capitalista. Nesse sentido, Marx foi fundante no debate sobre a consciência, ao tratar da alienação (2004), da ideologia – com Engels – (2007), da reificação (2017; 2011) e do fetichismo (2011).

Nessa perspectiva de tratamento da categoria consciência, um importante autor marxista, Lev Semionovich Vigotski (Vigotski), destacou-se como propositor de uma teoria psicológica revolucionária, em especial no campo da formação humana, em diferentes enfoques de análise, inclusive referente à questão da consciência, como trata Toassa (2006) e Delari Junior (2013). Vigotski nasceu no ano de 1896, em Orsha, na antiga Bielorrússia. Um ano depois de seu nascimento, mudou-se com a família para Gomel. Foi nesse contexto e local que Vigotski vive a sua infância e juventude. A produção de sua obra ocorre no contexto da Revolução Russa e nos anos de desenvolvimento e consolidação da União Soviética. Identificamos na obra de Vigotski uma preocupação com a elaboração de uma concepção psicológica de base histórico-cultural, almejando conhecer, analisar e interpretar os processos complexos singulares do ser humano (PRESTES, 2010). De acordo com Rivière (2002, p. 11):

Vigotski cruzou, como uma fúria veloz, a psicologia científica de nosso século. Em um breve período de dez anos teve tempo suficiente para analisar a fundo as alternativas teóricas da Psicologia de seu tempo, propor soluções originais a alguns problemas mais difíceis, como desenvolver uma concepção nova sobre a origem e a natureza das funções superiores.

A teoria desenvolvida por Vigotski não ficou circunscrita ao seu tempo histórico. No decorrer das décadas, sua proposição na Psicologia continua sendo alvo de discussão, investigação e, sobretudo, referência para sustentar um embasamento teórico na Psicologia e nos estudos sobre a concepção de ser humano e de sociedade. Deste modo, apropriados de tal referencial teórico, torna-se possível pensarmos a realidade da existência humana, bem como o modo de existirmos. Esta estruturação implica que a discussão científica também é uma forma de dizermos o que e o modo que

pensamos e praticamos. Desta forma, Vigotski afirma e reafirma como pensa e expressa. No desdobramento desta questão, consideramos que Vigotski formulou, pela potência de seu pensamento, categorias explicativas que retornam para reflexão da realidade concreta. Esse processo de formulação teórica permitiu o desenvolvimento e construção de conceitos adequados às categorias que buscam explicações “essenciais” sobre questões do homem em um determinado tempo histórico.

Vigotski deixou marcas para que, muitas décadas depois de sua morte, encontrem-se categorias explicativas, como é o caso da consciência, expressadas por diferentes conceitos e noções entrelaçados. Por meio desta categoria exemplificada, “consciência”, surgem conceitos que a tornam central, por um lado, para compreensão do seu arcabouço teórico; por outro, para compreensão da centralidade da consciência do homem enquanto gênese e ação.

Dessa forma, Vigotski empreende um esforço, no que se refere ao conjunto de categorias explicativas da realidade, integrativas da própria síntese por ele formulada, para a compreensão do homem (forma ontológica) e do conhecimento feito do e pelo homem (forma epistemológica), em direções diversas, como a arte, a formação humana, a educação, a psicologia, a filosofia, etc.

O presente artigo teve como objetivo apresentar e escrutinizar a categoria consciência em Vigotski. De forma específica, objetivou verificar as críticas às propostas advindas das diversas correntes psicológicas de época. Com isso, investigamos também aproximações de Vigotski na construção de uma psicologia de corte marxista.

A categoria consciência, enquanto possibilidade de apreensão e entendimento da natureza social do ser humano, foi um dos problemas que Vigotski identificou na Psicologia de sua época. Para o autor, as teorias existentes até então não respondiam às questões psicológicas em ordem ontológica e epistemológica. Vigotski considerava que, a partir das teorias existentes, estaria diante de *gotas de uma mesma chuva*<sup>5</sup>. Na compreensão vigotskiana, o sujeito é produto da cultura inserida nas relações sociais que se estruturam a partir de condições objetivas – o que muitos pensadores encararam meramente como meio – e também de possibilidades cognoscitivas e neurofisiológicas. Para o autor, portanto, biológico e social estão imbricados, considerando, então, que sujeito e indivíduo vão ter estreita conexão.

Diante dessa questão do ser humano, diferentes teorias propuseram uma visão dual. Vigotski almeja, ao negar paradigmas cartesianos, refletir sobre a identidade corpo-mente, que, embora não seja uma discussão nova, continua se fazendo presente e ressoando no contexto da ciência. Vigotski, enquanto visão ontológica e epistemológica, aproxima-se de Spinoza e Marx, buscando uma análise que tivesse como referência a unidade do homem na sua essência como ser social, bem como na sua condição de capacidade de conscientização na formação. A depender desta formação, quanto mais unilateral, mais vão se desenvolvendo e ampliando-se as possibilidades das funções psíquicas superiores. Nesse sentido, Vigotski assume a identidade matéria-espírito espinoziana em uma versão que poderia soar agressiva ao *status quo* soviético, assumindo uma unidade corpo-mente. Nesses

termos, consideramos que há uma unidade corpo-mente e Vigotski perfaz uma crítica consequente ao dualismo, que trata do corpo e da mente enquanto termos inconciliáveis.

Do ponto de vista epistemológico, a concepção de homem em Vigotski é de um monismo não imobilista, por incorporar, enquanto princípio, o movimento, ou seja, é dialética. Nesses termos, se os aspectos neurofisiológicos impõem limites nos seres humanos quanto ao aprendizado e ao movimento da consciência, as relações sociais impõem mudanças sucessivas, por meio da formação humana. Assim, o contato com processos formativos oriundos da cultura que causam um impacto, como é o caso da arte, pode trazer um nível de sensibilização no indivíduo que produziria conscientização. Nessa monta, Vigotski critica o idealismo como fonte primária do dualismo, tanto em Platão, como em Descartes.

Nessa compreensão do dualismo corpo-mente enquanto um desdobramento na Psicologia, sob o ponto de vista metodológico, o artigo trouxe os seguintes itens: 1) A crise na Psicologia sob o olhar de Vigotski; 2) As críticas de Vigotski ao dualismo nas teorias psicológicas e a unidade humana como superação do dualismo; 3) A categoria consciência como central em Vigotski enquanto um eixo teórico de compreensão do humano. Utilizamos, para tanto, as Obras Escolhidas de Vigotski, traduzidas do russo para o espanhol<sup>6</sup>, em especial, o Tomo I. O dualismo corpo-mente se manifesta na escritos do autor como ponto de partida para pensar a ciência. Isto é, a crise na Psicologia, item um do presente artigo, trata da impossibilidade de uma visão dual tornar-se princípio explicativo na Psicologia. No item dois, apresentamos, de forma mais aprofundada, dualismos que se desdobram de corpo-mente e, por fim, no item três, apresentamos a categoria consciência enquanto unidade para compreensão do ser humano na teoria vigotskiana.

### ***A crise na Psicologia sob o olhar de Vigotski***

Diante das produções de Vigotski, estamos frente a um pensador que buscava, enquanto tarefa científica e política, produzir uma proposta psicológica alinhada à construção de uma *nova* sociedade (SHUARE, 1990), estruturada sob bases epistemológicas distintas das sistematizações na Psicologia que se tinha até então. Imerso no tocante à perspectiva sistematizada e defendida por Vigotski, o ser humano não nasce e se apresenta, de antemão, enquanto ser social. Embora possua aspectos biológicos e respostas fisiológicas comuns, o ser humano se constitui e se forma *homem* por meio da apropriação das condições concretas e subjetivas do que a humanidade produziu ao seu tempo. Decorrem disso, desde as formas de linguagem, as possibilidades de formulação do pensamento, além do modo como Marx (2011) e Engels (2004, 2010), assim como comentadores (ZANELA et al, 2020; TORRES, 2020) nos mostram, no uso social igualitário dos objetos produzidos pelo homem enquanto um ser social obstaculizado pelo capitalismo, o que exige a organização dos trabalhadores.

Por essa perspectiva, Vigotski elaborou outra possibilidade de explicação do psiquismo. Ainda que sua teoria tecesse críticas às produções existentes, pela aplicação do método como princípio, também dialogava, incorporava e superava diferentes ideias de outros pensadores que abordavam a Psicologia em diversos enfoques. Não raro, encontramos passagens em que Vigotski discute a teoria de Freud, de Gestalt, de Pavlov e também de outros autores da reflexologia. Isso significa, portanto, que Vigotski não estava *isolado* da produção científica na Psicologia, tampouco elaborou uma teoria sem qualquer conexão às outras *psicologias*. Aliás, a pluralidade na Psicologia enseja Vigotski a indagar as divergências epistemológicas na Psicologia e seus impactos do ponto de vista de compreensão do objeto desta ciência.

Em seu texto *Istoricheskiï smysl psijologičeskogo krízisa* (O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica, título traduzido no Brasil), escrito em 1927, Vigotski condensa e sistematiza uma crítica que aparece em seus outros textos: a pedra angular da Psicologia fora ignorada pelas principais correntes da área, produzindo, então, uma crise de método. Dessa forma, no presente artigo buscamos discutir tal texto do autor e seus desdobramentos, em especial em três eixos: (i) a forma pela qual Vigotski analisa a crise na Psicologia; (ii) crítica ao dualismo nas teorias psicológicas, tendo como referência a questão da unidade; (iii) a categoria consciência como central em Vigotski enquanto um fluxo teórico de compreensão do humano.

A obra vigotskiana como um todo, para além de seu texto sobre a crise na Psicologia, pauta-se pela preocupação em situar seus leitores sobre a relação do objeto de investigação nas diversas perspectivas teóricas e possibilidades de interpretação deste objeto à luz da teoria Histórico-Cultural, almejando estabelecer as relações entre o fenômeno e sua totalidade, ao contrário da análise de fragmentos isolados. Vigotski (2005, p. 31) nos apresenta a uma concepção de ciência que seria um “[...] domínio mais amplamente sistematizado de conhecimento de uma parte da realidade”. Isso significa que a ciência seria um caminho de apropriação de um aspecto da realidade social, contendo, em caráter sistematizado, a totalidade existente.

Desse modo, Vigotski (2013) veicula, de forma consolidada, os apontamentos que vinha fazendo desde seus textos iniciais. Para o autor, desde seus primeiros textos que tratam deste assunto, aponta que a Psicologia enquanto ciência estaria limitada em razão do dualismo empregado para análise e interpretação. No texto sobre a crise da Psicologia, Vygotski (2013), em catorze capítulos, parte da seguinte ideia: há elementos estruturais inobservados pelos pensadores, à época, em Psicologia. Ele utiliza para compreensão de sua crítica, uma metáfora da construção de um edifício. Nessa metáfora, os construtores (pesquisadores e pensadores da área) desconsideraram a “pedra angular”, fundamental em tal construção. Nesse sentido, Vigotski inicia a crítica diante da reflexologia.

Vygotski (2013) pontua que há uma perspectiva psicológica, por meio do embasamento na teoria de Pavlov e na *reflexologia*, que estuda os fenômenos psicológicos pelo viés da psicologia animal. Desse pressuposto, surgiria a psicologia do comportamento “[...] como ponto de partida da análise objetiva do psíquico e posto que esta ciência seria estritamente uma ciência biológica” (p. 261), cujo

entendimento ainda permanece atual. Com divergências a Pavlov e à reflexologia, atualmente estrutura-se, enquanto uma abordagem na Psicologia, a perspectiva da Análise do Comportamento a partir do uso da teoria de Skinner e sua aplicação. Diferente de Pavlov, Skinner estuda e compreende o comportamento para além da relação *estímulo-resposta* dos reflexos condicionados, sistematizando uma forma de compreensão do comportamento do ser humano por meio do *comportamento operante*.

Os termos “causa” e “efeito” já não são usados em larga escala na ciência [...]. Uma “causa” vem a ser uma “mudança em uma variável independente” e um “efeito” uma “mudança em uma variável dependente” [...]. Descobrimos e analisando estas causas poderemos prever o comportamento; poderemos controlar o comportamento na medida que possamos manipular (SKINNER, 2003, p. 24).

Nessa perspectiva, a Análise do Comportamento não considera uma *natureza* diferente entre o comportamento do homem e do animal, mas sim que o comportamento, de qualquer natureza, possui uma ordenação natural e uma previsibilidade. Embora as contingências sociais apresentem alta variabilidade ao longo da história de reforçamento de cada indivíduo, isto torna o comportamento humano complexo, mas não diferente, em termos de concepção e de natureza, dos demais animais, possível de identificar uma constância que nem sempre se manifesta em contexto social. Portanto, a linguagem que, para Vygotski (2012) seria uma função psicológica superior, para Skinner (2003) é apenas uma forma de comportamento, neste caso, verbal.

Do ponto de vista de método, a crítica que Vygotski (2013) faz a esta compreensão está vinculada a uma perspectiva de *inversão de papéis*, conforme apresentado por Marx e Engels.

Só podemos compreender completamente uma determinada etapa de no processo de desenvolvimento – ou inclusive, o próprio processo – se conhecermos o resultado a qual se dirige esse desenvolvimento, a forma final que adota e a maneira que o faz. Unicamente se trata, por suposto, de transferir em um plano metodológico categorias e conceitos fundamentais do superior ao inferior e não extrapolar sem mais observações e generalizações empíricas (VYGOTSKI, 2013, p. 262).

Como podemos identificar, Vygotski (2013) difunde uma concepção distinta da defesa da reflexologia e, na esteira, da Análise do Comportamento. Sob análise de Vygotski (2013), o conhecimento científico na reflexologia seria reduzido a uma forma de manifestação natural, sem considerar a atividade do homem social, e, portanto, “[...] os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos naturais (ou seja, não modificados), não podem explicar o desenvolvimento, o movimento, as mudanças na história da ciência. Esta é uma verdade evidente” (VYGOTSKI, 2013, p. 273).

Para Vygotski (2013), emprega-se o método inverso, ou seja, só é possível conhecermos e explicarmos os processos e fenômenos pela sua manifestação final. Ou seja, o fenômeno não é explicado em sua gênese, mas a partir da referência de sua formulação mais elaborada. Por exemplo, as funções psicológicas superiores seriam um princípio explicativo para as funções elementares, quer dizer, o desenvolvimento superior explica o elementar, mas, o desenvolvimento elementar não é capaz de explicar o superior. Por isso que o estudo dos animais não pode ser aplicado ao ser humano.

Esse é um dos possíveis caminhos metodológicos e há uma série de ciências em que se está suficientemente justificado. É aplicável à Psicologia? Pavlov, partindo precisamente de um ponto de vista metodológico nega o caminho do homem ao animal. Não se trata de que os fenômenos humanos sejam essencialmente diferentes dos animais, mas que não se pode aplicar aos animais as categorias e conceitos psicológicos humanos. Seria estéril – desde um ponto de vista cognitivo – fazê-lo. Por isso, Pavlov defende o caminho contrário: do animal ao humano, por considerá-lo como um caminho de investigação mais direto e que repete o seguido pela natureza (VYGOTSKI, 2013, p. 262).

Vygotski (2013) identifica no campo a defesa de teses que tomam por princípio explicativo o caminho *animal-homem*, que produz um dualismo entre o biológico e o social, além de outras propostas psicológicas, como a psicanálise<sup>7</sup>, nas sistematizações de Freud, que se trata da dualidade existente entre a consciência e o inconsciente. Assim sendo, não existiria na Psicologia uma Psicologia Geral, mas, *psicologias*, ou seja, “ciências”, com ramos heterogêneos de saber e com objetos psicológicos também distintos. Posteriormente, Vygotski (2013) defende que não há mais de uma Psicologia, mas escolas distintas dentro de uma mesma área.

A tendência a generalizar e integrar os conhecimentos se transforma assim em uma tendência e explicá-los e o caráter de integração do conceito generalizador o transforma em princípio explicativo, porque explicar significa estabelecer uma conexão entre vários atos ou vários grupos de atos; explicar é referenciar uma série de fenômenos a outra; explicar significa para a ciência definir termos de causas. Enquanto a integração tem lugar no seio de uma disciplina, a explicação levará a cabo mediante a conexão causal de fenômenos que estão dentro de um mesmo domínio. Mas, enquanto elevamos nossas generalizações por cima de disciplinas particulares, unificamos atos de diferentes domínios, isto é, estabelecemos generalizações de segundo grau. Devemos buscar de imediato uma explicação de grau superior, quer dizer, a conexão de todos os âmbitos do conhecimento em questão com atos que estão fora deles. Desta maneira, quando buscamos um princípio explicativo nós saímos dos limites da ciência particular e nos vemos obrigados a situar esses fenômenos em um contexto mais amplo (VYGOTSKI, 2013, p. 268).

A discussão sobre a crise da Psicologia, para Vygotski (2013), não nasce propriamente na Psicologia, mas está, sobretudo, na sua herança e vinculação às raízes filosóficas, gerando uma questão ontológica.

Nesse sentido, há uma dificuldade de demarcação de um objeto de estudo delimitado e delineado diante dos variados aportes teóricos das abordagens da Psicologia (VYGOTSKI, 2013). Dessa forma, temos uma questão epistemológica. Dentro dessas balizas, qualquer descoberta sob diversos domínios explicativos dos fenômenos psicológicos exige que a Psicologia, muitas vezes, saia de seus limites e amplie suas áreas de interlocução, necessitando, assim, de uma fundamentação em outras áreas, confundindo diálogo com incorporação epistemológica. Isto pode, mesmo distante de um suposto positivista, acabar por frear uma delimitação mais clara do objeto de estudo.

Nesses termos, enquanto princípio metodológico, a Psicologia, ao discutir fenômenos e conceitos, não poderia captar estes objetos de forma estática, isolando-o da totalidade em que se insere. Assim, para captar o fenômeno psicológico seria necessário compreendê-lo em movimento, enquanto processo, a partir de sua captação no real (VYGOTSKI, 2013). Isto posto,

metodologicamente, como ponto de partida, podemos olhar para a realidade e identificar as ideias e conceitos sistematizados que constituem os processos explicativos dos fenômenos. A partir de tais relações históricas, observamos e analisamos o fenômeno no contexto social que se encontra e na medida em que surgem condições de desenvolvimento superior. Ou seja, ter como referência aquilo que seria a tese e questioná-la se, de fato, esta elaboração posta na tese explica os fenômenos sistematizados. O segundo passo seria analisarmos criticamente o quanto esta ideia contida na tese explicaria o fenômeno observado e nos permitiria generalizações. De mesmo modo, neste processo torna-se válido que alteremos ideias e conceitos, tendo como referência na busca da compreensão da realidade concreta (VYGOTSKI, 2013).

O terceiro momento embasa-se na compreensão de que a tese formulada após a sistematização crítico-dialética seja capaz de integrar, de forma clara e específica, os princípios explicativos da Psicologia. Por fim, é a referência de que a discussão dos conceitos pode encaminhar uma articulação da Psicologia com outras áreas do conhecimento, incorporando fundamentos que darão sentido e significado aos conceitos desenvolvidos, surgindo, então, a complexificação (VYGOTSKI, 2013). Isso significa que os fenômenos psicológicos não podem ser explicados em si mesmos, necessitando do diálogo com outras áreas do conhecimento, embora a Psicologia, ao tratar tais fenômenos, possa fazê-lo a partir de um objeto próprio explicativo.

Diante da pluralidade teórica e de abordagem existente na Psicologia, Vygotski (2013) apresenta quatro grandes escolas existentes à sua época que produziram conhecimentos sobre o psiquismo e os fenômenos psicológicos. As produções por estas perspectivas avançam, em diversos aspectos, o entendimento sobre a subjetividade humana, apresentando possibilidades explicativas. Mesmo à luz da interpretação vigotskiana, essa análise apresenta também limites, tendo em vista que encontram impossibilidades de avanço, já que a questão do problema reside em termos de método, de fundamento, na indefinição nos níveis epistemológicos, ontológicos e metodológicos.

Vygotski (2013) discute a existência de quatro escolas: Psicanálise, Reflexologia, Gestalt e Personalismo. Essas quatro escolas, embora com as devidas diferenças, é o que Vygotski (2013, p. 276) denomina de “[...] quatro gotas da mesma chuva”, que desenvolvem as suas ideias por caminhos distintos, mas que se encontram nos mesmos limites.

Além desses apontamentos gerais, Vygotski (2013) recupera algumas críticas tecidas a essas perspectivas psicológicas. Em relação à Psicanálise, em especial nas sistematizações de Freud, inferimos que o princípio geral seria a compreensão da sexualidade, que se manifestaria no inconsciente do indivíduo, produzindo, em determinadas condições, neuroses históricas. Porém, esses estudos limitam-se a determinadas explicações, deixando lacunas em relação à estrutura e ao desenvolvimento da histeria. Além disso, a Reflexologia comete o erro lógico de atribuir e simplificar todos os processos aos reflexos. A Gestalt, apesar de trazer um conjunto de conhecimentos valiosos ao campo, compreende a existência de uma essência comum de qualquer processo, seja este orgânico,



físico ou mesmo do pensamento humano. O personalismo recairia sobre esse mesmo aspecto, na busca de um denominador comum para diversos processos.

Diante dessas críticas, observamos que há um dualismo persistente nas teorias, à medida que se estruturam fenômenos dispostos em conflito, dividindo e fragmentando tal compreensão. Vygotski (2013) pontua a necessidade de superação do dualismo, almejando a compreensão do indivíduo em sua unidade. Nesse entendimento, a definição de princípios gerais para a Psicologia possibilitaria que esta se estabelecesse no âmbito enquanto uma ciência geral. Do ponto de vista conceitual, “[...] para interpretar a totalidade do saber como uma categoria particular que existe entre toda uma série de categorias, isto é, nos leva aos últimos e mais gerais princípios, que são essencialmente princípios filosóficos” (VYGOTSKI, 2013, p. 277). Assim, uma investigação geral deve abarcar um conteúdo com maior grau de abstração. Essa definição de ciência nos auxilia na compreensão da perspectiva do autor:

A qualquer ciência chega antes ou depois o momento em que deve ter consciência de si mesma como um conjunto, compreender seus métodos e transferir a atenção a certos atos e fenômenos aos conceitos que utiliza. Mas desde este momento, a ciência geral passa a distinguir-se da particular, não porque tenha um âmbito mais amplo, maior conteúdo, mas porque está organizada qualitativamente de outra forma (VYGOTSKI, 2013, p. 277-278).

Nessa perspectiva discutida pelo autor, a generalidade alcançada visa alocar a Psicologia mediante uma organização de fundamentos que caracterize a área em sua especificidade e, ao mesmo tempo, abarque os fenômenos em sua totalidade, ou seja, sua complexidade. Embora a crise esteja instalada, Vygotski (2013) questiona-se em relação à etapa de desenvolvimento que a Psicologia se encontra e a natureza da crise vigente. Para caminhar nas reflexões de forma sintética, a premissa que se tem é de que a ciência deve se desenvolver a partir de um movimento, e o significado da crise deve ser captado e interpretado a partir de sua dinamicidade. Contudo, o que se observa são algumas interpretações distintas. Uma delas nega a existência da crise da Psicologia, devendo ser desconsiderada. Outra vertente visualiza a crise, mas atribui a ela um valor subjetivo, naturalizando a existência de dois polos e na impossibilidade de diálogo existente (VYGOTSKI, 2013).

Em caráter conclusivo, a crise de método que se instaura na Psicologia pressupõe que cada teoria deve desenvolver um arcabouço teórico próprio e que seja possível a existência de diversas escolas dentro de uma Psicologia. Vygotski (2013) considera que a crise é condição para o desenvolvimento, à medida que visa à superação do dualismo existente. Nesse sentido, a reestruturação da área seria fundamental para a delimitação dos alicerces dessa ciência, para a superação do dualismo e para a criação de uma nova teoria enquanto tarefa coletiva.

Na perspectiva vigotskiana, a crise na Psicologia se dá a partir da organização dualista que produz explicações distintas aos fenômenos psicológicos. Essa oposição vislumbrada no campo afeta um problema em duas vertentes, quais sejam: ontológica e gnosiológica. Isto posto, apresentamos, no subitem posterior, nossas reflexões sobre o impacto do dualismo na crise da Psicologia e o desdobramento deste dualismo na visão do ser humano em unidade. Para tanto, dialogamos com duas

perspectivas a que Vygotski (2013) se refere: ao campo do objetivismo, tendo como referência a reflexologia e, de acordo com os nossos apontamentos, a Análise do Comportamento e a psicanálise freudiana.

### ***As críticas de Vigotski ao dualismo nas teorias psicológicas e a unidade humana como superação do dualismo***

Na esteira da discussão sobre a crise na Psicologia, Vygotski (2013) aponta que o dualismo instaurado cinde a área em dois polos: o *subjetivismo* e o *objetivismo*. No interior deste dualismo, cada perspectiva psicológica aponta para um caminho, apresentando um objeto distinto de investigação, o que corrobora para uma não compreensão em sua totalidade. Dessa forma, “[...] a psicologia desejaria ser uma ciência natural, mas ocupando-se de coisas de natureza completamente distinta daquelas que se ocupam as ciências naturais” (VYGOTSKI, 2013, p. 392). Atentando-se para esta vertente, verificamos a centralidade da discussão e dos fenômenos *não-naturais*, embora recebam um tratamento semelhante aos naturais, que se estruturam por meio de investigações empíricas que não se sustentam.

Desse modo, após refletir sobre diferentes propostas metodológicas, Vygotski (2013, p. 392) pontua que: “Não sabemos qual será essa metodologia nem se surgirá logo, mas o indubitável é que a Psicologia não avançará até que se crie essa metodologia e que este será o próximo passo adiante”. O autor apresenta que, apesar de não se ter sucesso na discussão sobre a crise na Psicologia em sua complexidade, buscou tateá-la, ou seja, alcançou “às margens” (VYGOTSKI, 2013, p. 398) da discussão.

O nome de nossa ciência tem, portanto, um só herdeiro. Mas será por acaso possível que renuncie a sua herança? Em absoluto. Somos dialéticos e não pensamos, de modo algum, que o caminho de desenvolvimento das ciências ande em linha reta. E se nele há zigzagues, retrocessos ou mudanças de direção compreendemos seu significado histórico e os consideramos [...] como elos necessários de nossa corrente, etapas inevitáveis de nosso trajeto (VYGOTSKI, 1999, p. 404).

Sem a pretensão de resolver a crise que se faz presente, Vygotski (2013) aponta que a ciência, assim como os outros elementos existentes na realidade, está em movimento e, portanto, não seria algo estático, mas em constante desenvolvimento. Para atuar na crise, Vygotski (2013) considera algumas premissas como fundamentais, sendo elas: a recuperação do materialismo histórico-dialético enquanto método e fundamento e que o que está *por vir* não ignore o processo histórico de sua constituição. Isto é, a Psicologia floresce à medida que reconhece os elementos que impulsionaram a sua crise, incorporando o acúmulo teórico existente até então.

Dialogando com a primeira premissa do autor, na perspectiva marxista, o *ser social* é, concomitantemente, indivíduo e sociedade, ou seja, , no indivíduo está o microcosmo social. Isto devido ao fato de que o sujeito se estabelece através das relações sociais apropriadas ao longo do seu

processo de desenvolvimento (VYGOTSKI, 2013). A Psicologia, no que concerne ao método, apresenta uma perspectiva de fragmentação e divisão, sustentando dualismos no princípio explicativo dessas teorias. A manutenção desses dualismos recai na impossibilidade de observação e análise do indivíduo em sua unidade, bem como na elaboração de uma proposta psicológica embasada no princípio da unidade.

Diante desse escopo, recortamos duas críticas a dois campos que Vygotski (2013) identifica como propulsores da crise. Em uma perspectiva, têm-se as escolas psicológicas que reduzem o ser humano aos processos naturais, tal como ocorre com os animais. Portanto, discutiremos o dualismo existente entre biológico e social presente nas teorias biologicistas, especificamente, na síntese de Pavlov e, em seu desdobramento, a perspectiva de Skinner. No campo das teorias subjetivistas, destacaremos o diálogo que Vygotski (2013) estabelece com Freud na crítica ao dualismo entre inconsciente e consciência.

A reflexologia demarcou-se enquanto uma escola de expressão na Psicologia, tanto no contexto da União Soviética, quanto os desdobramentos para outros lugares do mundo. O desenvolvimento do behaviorismo a partir de J. Watson e, posteriormente, em Skinner, demarca a importância da reflexologia como um dos fundamentos da Análise do Comportamento. Pavlov (1849-1936), enquanto fisiólogo, inicia seus estudos com pesquisas sobre o processo digestivo em cães. A partir de seus experimentos, detecta uma relação que não estava presente no início de sua experiência. Em determinado momento, a salivação do cão passa a ocorrer não somente na presença do alimento, quando este entra em contato com um estímulo neutro, no caso do experimento, uma campainha. Assim, Pavlov descobre que o mecanismo fisiológico da salivação decorre do pareamento de estímulos. Isto é, um estímulo que antes exercia um caráter neutro, passa a conduzir uma resposta fisiológica porque está pareado a um estímulo subsequente: a presença do alimento. Essa descoberta passa a ser denominada de *condicionamento reflexo*.

Esse achado de Pavlov, mesmo não explicando a totalidade do comportamento humano, passa a explicar alguns destes (SKINNER, 2003). De acordo com Catania (1999), ao longo do processo de seleção, há uma vinculação filogenética e uma seleção ontogenética, que se atrela às relações específicas entre o indivíduo e o ambiente. O condicionamento reflexo seria uma resposta individual a um determinado estímulo existente no ambiente que não necessariamente gera a mesma resposta em um organismo. Esses reflexos aprendidos também se relacionam com a manutenção da sobrevivência e não se distanciam por completo da seleção filogenética.

Para Moreira e Medeiros (2019), o condicionamento reflexo decorre a partir da relação estímulo-resposta. Nos achados de Pavlov, um estímulo neutro passaria a exercer uma função no controle do comportamento. Esse aspecto produz uma alteração no ambiente, tendo em vista que, anteriormente, o estímulo neutro não estava vinculado à resposta e, após um processo de aprendizagem, de reflexo condicionado, o estímulo neutro passaria a exercer a possibilidade de se ter a resposta esperada como consequência.

A reflexologia passa a interpretar o comportamento humano como enquanto um conjunto de reflexos que surgem mediante a relação entre indivíduo e ambiente. Para essa teoria, Pavlov (1976) concebia a possibilidade de tratar de fenômenos complexos da subjetividade humana a partir de sua decomposição em processos simples, até mesmo os reflexos básicos existentes. Assim como o cão, ao ser humano também seria possível parrear estímulos neutros e excitações, gerando determinadas respostas no organismo. Isto resultaria em nosso comportamento consciente na realidade. Embora haja divergências entre Pavlov (1976) e Skinner (2003), há uma concordância entre eles que o comportamento, entendido como um conjunto observável de respostas a determinados estímulos e reforços, é possível de ser previsto e manipulado.

Nesse entendimento, há um dualismo existente na teoria que segmenta o social do biológico. Por isso, o comportamento humano não é singular na natureza, mas obedece às mesmas ordenações de qualquer outro comportamento ambiental. Ao tratar-se da consciência, Skinner (2003) a compreende como um processo de estar ciente, ou seja, conhecer as contingências ambientais que determinam o nosso comportamento. Por outro lado, o inconsciente seria o conjunto de reforçamento que o indivíduo recebe ao longo da vida de que não tem ciência e, portanto, não identifica em suas práticas a vinculação existente.

Vygotski (2013) faz uma crítica a essa visão dual do ser humano, defendendo que o ser humano é, ao mesmo tempo, ser social e ser biológico. Já Marx e Engels (2007, p. 43) discutem que o homem é constituído a partir “[...] de uma natureza que é histórica e de uma história que é natural”. Nesse sentido, há uma unidade do homem e da natureza. Essa oposição entre natureza e história não é casual, mas intencional.

Toda concepção histórica existente até então ou tem deixado complexamente desconsiderada essa base real da história, ou a tem considerado apenas como algo acessório, fora de toda e qualquer conexão com o fluxo histórico. A história deve, por isso, ser sempre escrita segundo um padrão situado fora dela; a produção real da vida aparece como algo pré-histórico, enquanto o elemento histórico aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrâneo. Com isso, a relação dos homens com a natureza é excluída da história, o que engendra a oposição entre natureza e história (MARX e ENGELS, 2007, p. 43-44).

Essa oposição, do ponto de vista marxiano, não se sustenta devido à necessidade de acessarmos substâncias relativas ao corpo e à mente, de ordem social e biológica, que dão aparência dual em nossa recepção dos sentidos, desde atividades aparentemente banais, como uma conversa com outros sujeitos ou como a escuta de um discurso que nos emociona. Entretanto, tal dualismo é só aparente, visto que nossos sentidos estão acoplados fisiologicamente ao nosso estado do humano, exercendo suas potencialidades intimamente ligados ao ser social. Da mesma forma, como verificamos em Spinoza, a superação do dualismo natureza e espírito decorre de uma compreensão identitária de ambos. Em Vygotski, a superação do dualismo decorre de processos formativos ligados conjuntamente à natureza humana, associada com a socialização das riquezas humanas em uma compreensão materialista na qual corpo e mente são unos.

Assim, se há identificação entre os diferentes sujeitos por características hominídeas, a identidade advém das diferenças e das singularidades, que apresenta aspectos na relação dialética entre características similares e/ou singulares, juntamente com a apreensão dos elementos sociais via sensibilidade da formação. Consciência e conscientização adquirem aí um estado de unidade em movimento.

Para destacar a ideia de uma relação em unidade entre homem e natureza, Marx e Engels (2007) sinalizam que a natureza – o mundo sensível – não é um objeto dado de antemão, externo ao indivíduo e sempre igual, independente do tempo, mas ela é o produto histórico do processo de desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, define-se como resultado de uma atividade de gerações precedentes e em unidade entre as possibilidades que oferece em função das modificações anteriores através do trabalho constituídas para o atendimento de outras necessidades. Destacamos, inclusive, que no processo de constituição do homem, surge a própria sociedade:

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade (ENGELS, 2004, s/p).

Visando superar também o dualismo na teoria subjetivista, Vigotski dialoga com Freud em diferentes passagens de sua obra. Em seu texto “*A psique, a consciência e o inconsciente*”, Vygotski (2013) discute, de forma mais íntima, com a teoria do inconsciente de Freud, apresentando, uma interpretação a este conceito do ponto de vista histórico-cultural. Vale destacarmos que Santos (2015) defende que este conceito merece maior aprofundamento e desdobramentos. De forma geral, Vygotski (2013) analisa que Freud trabalha com um pressuposto da existência de um dualismo na natureza humana: o inconsciente e o consciente. Sendo assim, para o autor, o indivíduo é, necessariamente, um indivíduo cindido. Diferente de outras abordagens psicológicas, a existência humana é marcada pela lacuna, pela ação motivada por um sentido desconhecido pelo sujeito. Isto é, há uma sobredeterminação do inconsciente na vida do ser humano. Nessa seara, o inconsciente não seria apenas um “campo” ou “função”, mas uma condição de existência marcada por aquilo que é *não sabido*.

Para Vygotski (2013), o inconsciente não pode ser visto e compreendido enquanto o polo contrário da consciência, devendo romper com o dualismo. Para o autor, consciente e inconsciente estão em unidade e não em contradição, ou seja, o que é inconsciente tem, potencialmente, condição em se tornar consciente. Nesse ponto de vista, a consciência é, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente, e, no mesmo sentido, o inconsciente também é consciência.

Alguns estudos realizados nos auxiliam a explorar este conceito na obra de Vigotski (AITA e TULESKI, 2021; SANTOS, 2015; SOUZA, 2020; SANTOS e LEÃO, 2012, 2014; GONZALEZ,

2011; PESSANHA, 2015). De acordo com Aita e Tuleski (2021), os estudos clínicos de Vigotski são pouco explorados no Brasil, tal como o conceito de inconsciente, sendo fundamental esse esforço de análise teórico-conceitual da obra do autor. Analisando os textos de Vigotski, chegamos à conclusão de que:

[...] não existe uma barreira intransponível que separe os conteúdos conscientes dos conteúdos inconscientes. Existe uma relação dinâmica entre estas esferas, na qual conteúdos inconscientes podem tornar-se conscientes e vivências conscientes podem ser deslocadas para o inconsciente (AITA e TULESKI, 2021, p. 64).

Santos (2015) corrobora a interpretação de Aita e Tuleski (2021) e situa a relação consciente-inconsciente por meio de uma perspectiva dialética e *contraditória*. Nesses termos, a consciência não é ausência do inconsciente, sendo necessário, portanto, compreendermos a gênese destes processos.

Vygotski (2013) nos situa diante de um problema existente na Psicologia. Historicamente, há uma interpretação de que tudo o que é psíquico, é consciente. Essas duas estruturas são tomadas como sinônimos, estando uma sobreposta à outra. Diante de tal argumentação, o que seria o inconsciente? Algo não psíquico? Segundo o autor, tratar essa sobreposição e apresentar a proposta de existência de um psiquismo inconsciente seria, entre os termos utilizados, uma contradição, algo incoerente, como seria se nos referíssemos a um “quadrado redondo”.

Essa concepção contraditória convoca a produção de um novo entendimento na Psicologia, visto que, até então, a Psicologia tradicional oscilava na compreensão do inconsciente como algo meramente psíquico ou fisiológico, perpetuando a dualidade entre consciente e inconsciente.

Para Vygotski (2013), uma das teorias mais complexas sobre o inconsciente é a da Psicanálise, baseada em Freud. Todavia, pontua que, mesmo no desenvolvimento de uma teoria que apresenta como campo de investigação o inconsciente, a dualidade continuaria presente, devido ao fato de que não haveria um encontro entre consciência e inconsciente, exceto pelas temáticas que emergem na consciência e são, cotidianamente, recalcadas para permanecerem em estado inconsciente. O papel da análise seria, nesse caso, a identificação da origem do que não pode ser explicado e acessado através da consciência.

O problema merece ser estudado, posto que, dentre todas as concepções de inconscientes, a teoria de Freud é uma das mais complexas. Como veremos, para Freud o inconsciente é, por um lado, algo real, que provoca de fato um ato obsessivo, não é simplesmente uma etiqueta ou uma forma de expressão. [...] mas, por outro lado, não explica qual a natureza deste algo inconsciente (VYGOTSKI, 2013, p. 107).

Vygotski (2013) aponta a existência de uma teoria abstrata em Freud, que, embora apresente a materialidade do inconsciente, não consegue explicá-lo. Nessa discussão, Santos (2015) recorre à obra *Totem e Tabu* de Freud e esclarece que, para Freud, a base de estruturação do inconsciente seria vinculada à negação de seus desejos sexuais (ambivalência entre atração pela mãe e hostilidade com o pai) e a impossibilidade de manifestação desses desejos de forma consciente e explícita, devido ao tabu

social existente. Destarte, o incesto desejado pelo indivíduo encontra saída pela repressão. Essa repressão levaria este conteúdo ao inconsciente, o que não significa, para Freud, que deixaria de existir. Para o psicanalista, a impossibilidade de acesso a esse conteúdo se materializa nas relações cotidianas em que o indivíduo perpetua a existência daquilo que não fora elaborado, seja por sonhos ou sintomas.

Logo, para Vygotski (2013), em sentido distinto ao que se manifesta em Freud, o inconsciente é aquilo que é possível de se tornar consciente.

Gostaríamos de assinalar a diferença entre este ponto de vista e o de Freud. Para este conceito de inconsciente é, como já tínhamos dito, por um lado um procedimento de descrição dos atos e, por outro, algo real, que gera atos diretamente. Aqui está justamente o problema. A última pergunta pode surgir assim: admitimos que o inconsciente é psíquico e goza de todas suas propriedades, ainda que não constitui uma vivência consciente. Mas, os fenômenos psíquicos conscientes podem produzir diretamente ações? Porque, como temos dito anteriormente, em todos os casos a que se atribuem ações aos fenômenos psíquicos, nos referimos a que este tenha sido realizado pelo processo psicofisiológico integral e não tão somente por sua parte psíquica. Por conseguinte, o próprio caráter do inconsciente, que consiste em que influi os processos conscientes e o comportamento, existe que se reconheça como um fenômeno psicofisiológico (VYGOTSKI, 2013, p. 108).

Assim, Vygotski (2013) não nega a existência do inconsciente, mas nega a colocação de dois polos como se fossem processos duais, incompatíveis e dissociados. Ele prevê, portanto, o inconsciente enquanto parte de um processo integral, como uma estrutura psicológica que se manifesta como fenômeno do comportamento, “[...] já que consideramos todos os fenômenos do comportamento como processos integrais” (VYGOTSKI, 2013, p. 109). Tal integralidade pode ser desdobrada em três princípios:

1) Existem diferentes *graus* de consciência. Alguns indivíduos viveriam mais e outros menos conscientes. O conteúdo que compõe nossa consciência também está vinculado a determinados limites, ou seja, existem coisas que saem do nosso campo consciente e isso não converte este conteúdo em “menos psíquico” na medida em que se torna menos consciente.

2) Existe uma luta de conteúdos inconscientes para se tornarem conscientes, tendendo, por vezes, a uma repetição inoportuna que marcam a nossa representação sobre as coisas.

3) A vida psíquica é composta por diversos fragmentos, alguns dos quais continuam a existir mesmo quando estão fora de nossa consciência (VYGOTSKI, 2013).

Apesar de não haver uma definição explícita sobre o inconsciente na obra de Marx e Engels, é possível estabelecermos algumas relações com os conceitos forjados na concepção de sociedade e de homem desenvolvida. Para os autores, na discussão e debate com a filosofia hegeliana, o idealismo sofre uma crítica em termos de sua concretude. Assim, para Marx (2011), a aparência não coincide com a essência.

O mesmo se manifesta no entendimento do autor sobre a mercadoria, que seria a objetivação do trabalho humano que satisfaz necessidades, embora não apareça concretamente na mercadoria a natureza de sua *origem* (MARX, 2011). Dito de outra forma, na aparência, o homem é

apagado do processo e da finalidade da produção. Nesta mesma perspectiva, estabelece-se o trabalho, „ isto é, a condição essencial para a transformação da natureza e hominização das relações existentes, em qualquer sociedade. No capitalismo, o interesse no trabalho passa a ser relevante pela extração da mais-valia que garante o lucro do burguês, ainda que o sentido essencial do trabalho não deixe de existir, inclusive de forma contraditória ao trabalhador.

[...] o próprio trabalhador é absolutamente indiferente à determinabilidade de seu trabalho; o trabalho enquanto tal não tem interesse para ele, mas tão somente na medida em que é trabalho em geral e, enquanto tal, valor de uso para o capital. Ser portador do trabalho enquanto tal, do trabalho como valor de uso para o capital, constitui, portanto, seu caráter econômico; é trabalhador por oposição ao capitalista (MARX, 2011, p. 230-231).

Nesses aspectos, o contexto social está permeado de contradições e elementos que não fazem parte, imediatamente, de nossa consciência. Se assim o fosse, provavelmente, poderíamos construir outra forma de relação humana. A produção da existência humana sob determinação do capital é chamada, por Engels (2010) como uma condição de assassinato:

Quando um indivíduo causa a outro um dano físico de tamanha gravidade que lhe causa a morte, chamamos esse ato de homicídio; se o autor sabe, de antemão, que o dano será mortal, sua ação se designa por assassinato. Quando a sociedade põe centenas de proletários numa situação tal que ficam obrigatoriamente expostos à morte prematura, antinatural, morte tão violenta quanto a provocada por uma espada ou um projétil; quando ela priva milhares de indivíduos do necessário à existência, pondo-os numa situação em que lhes é impossível subsistir; quando ela os constringe, pela força da lei, a permanecer nessa situação até que a morte (sua consequência inevitável) sobrevenha; quando ela sabe, e está farta de saber, que os indivíduos haverão de sucumbir nessa situação e, apesar disso, a mantém, então o que ela comete é assassinato. Assassinato idêntico ao perpetrado por um indivíduo, apenas mais dissimulado e pérfido, um assassinato contra o qual ninguém pode defender-se, porque não parece um assassinato: o assassino é todo mundo e ninguém, a morte da vítima parece natural, o crime não se processa por ação, mas por omissão – entretanto não deixa de ser um assassinato (ENGELS, 2010, p. 135-136).

Essas relações da existência humana a que somos alienados compõem a nossa inconsciência. Vygotski (2013) descreve a inconsciência como um conteúdo que, apesar de ser apreendido por nós, não é colocado para uso consciente, embora isso não signifique que, em determinados momentos, o que é inconsciente não possa se tornar consciente.

Para Vygotski (2013) e Santos (2015), uma das críticas centrais ao método de investigação em Psicologia é a perspectiva de que a ciência psicológica deve ter como objeto a consciência ou o inconsciente, fragmentando os fenômenos psicológicos, tornando-se impossível compreendê-los em sua totalidade. Nesse sentido, qualquer fenômeno estudado na Psicologia apresenta limites, o que se reflete também no estudo da consciência e do inconsciente.

Em posse desses aspectos, evidenciamos que Vygotski (2013) aponta limites às teorias psicológicas que tomam o dualismo como uma forma de fundamentação e explicação dos processos tipicamente humanos. Portanto,, só é possível compreender o ser humano em unidade. Já que



“Quando o homem atua dentre deste processo sobre a natureza exterior e a modifica, também está atuando sobre sua própria natureza e a está modificando” (VYGOTSKI, 2013, p. 68).

Nesses termos, ao compreendermos a consciência em sua integralidade, isto é, a superação da ideia de que a consciência é *ter ciência* e a existência de um polo contrário, o inconsciente, bem como a condição que se estrutura mediante um ser social que é, ao mesmo tempo, cultura e natureza, verificamos, na perspectiva vigotskiana, a consciência enquanto possibilidade de superação do dualismo e do caminho para a unidade.

### ***A categoria consciência como central em Vigotski enquanto um eixo teórico de compreensão do humano***

No Tomo I, encontramos alguns textos de Vygotski (2013) que discutem explicitamente a questão da consciência. Em seu manuscrito denominado “*O problema de consciência*”, de 1933, o autor apresenta que, embora a psicologia se reivindique enquanto uma ciência da consciência, o conhecimento acumulado que esta área tinha sobre a consciência era praticamente nulo (VYGOTSKI, 2013). Diante desta lacuna, diferentes pensadores propuseram um entendimento sobre a consciência. Nessas incursões, mantinha-se um problema essencial que não fora resolvido: a consciência era ora identificada enquanto um sistema de funções, ora como um sistema de fenômenos, proveniente de uma crise metodológica que a Psicologia sofrera ao longo de sua história (VYGOTSKI, 2013).

Neste quadro teórico, Vygotski (2013) busca desenvolver manuscritos, artigos e escritos publicados e socializados à sua época e outros que só foram conhecidos postumamente, nos quais apresentava seu entendimento sobre a consciência e a perspectiva metodológica de estudo sobre a consciência a que teve acesso dentro da Psicologia. Em 1924, Vygotski escreve um artigo denominado *Metodologia de investigação em reflexologia e psicologia para apresentação no II Congresso Nacional de Psiconeurologia*, ocorrido em São Petesburgo – à época a cidade era chamada de Leningrado – e publicado, posteriormente, em 1926, em uma coleção organizada por Kornílov.

Apesar de o texto apresentar referências metodológicas da Psicologia, situa-se no sentido de desenhar caminhos para trabalhos do autor que tratarão da questão da consciência. O autor inicia a discussão apresentando que a reflexão sob a base reflexológica apresenta limites, apontando que a reflexologia estaria voltada aos “[...] estudos das relações mais elementares do homem com o meio ambiente” (VYGOTSKI, 2013, p. 3), do que propriamente a investigações mais complexas, que pudessem, de fato, decifrar o comportamento humano e suas leis.

Nesse aspecto, Vygotski (2013, p. 3) pontua que “A reflexologia clássica manteve suas investigações dentro de um princípio científico universal darwiniano, reduzindo tudo ao mesmo denominador”. Como vimos anteriormente na discussão sobre a arte e as emoções, Vygotski não desconsidera as contribuições de Darwin, pelo contrário, apresenta explicitamente as possíveis contribuições deste pensador para a Psicologia. Todavia, estrutura críticas que reduzem o

comportamento humano e ao homem a uma explicação biológica linear. Em relação aos limites que encontra na teoria reflexológica, aponta para a necessidade de busca de outros conhecimentos na Psicologia, visando a superação dessas lacunas. Para o autor, nesse momento, a busca para o desenvolvimento da teoria poderia estar na fusão entre a reflexologia e a psicologia experimental.

Portanto ou renunciamos a estudar o comportamento da pessoa em suas formas mais transcendentais ou introduzimos obrigatoriamente em nossos experimentos o controle de reflexos não manifestos. A reflexologia está obrigada também a levar em conta os pensamentos e a totalidade da psique se quer compreender o comportamento. A psique é unicamente um movimento inibido e não somente o que objetivamente se pode tocar e qualquer um pode ver (VYGOTSKI, 2013, p. 8).

A citação acima demonstra que, para Vigotski (2013), seria fundamental a incorporação de outros métodos para a compreensão do homem, já que o que é objetivamente captado pela reflexologia não explicaria a totalidade e a complexidade dos processos psicológicos. Para ilustrar, o autor nos apresenta a discussão sobre os reflexos e de sua atuação em um sistema conjunto que determinam o comportamento do ser humano. Isto é, “[...] em um reflexo qualquer, sua própria parte reativa (movimento, secreção) se converte em um excitante de um novo reflexo do mesmo sistema ou de outro sistema” (VYGOTSKI, 2013, p. 9). Isso significa que um reflexo desempenha um papel de mediador, tal como a palavra, como excitante de outro reflexo. É fundamental, pois, compreender a forma pela qual um reflexo torna-se condicionante de outro reflexo e, essa investigação, levaria a identificação de reflexos não manifestos objetivamente.

Embora a Psicologia Subjetivista também tenha produzido críticas semelhantes, para o autor, a busca pelos reflexos não manifestos ou inibidos não se daria através da introspecção. Mas, ao mesmo tempo, em discordância à reflexologia, o caminho para a compreensão do homem também não estaria na negação da existência daquilo que não se materializa objetivamente (VYGOTSKI, 2013).

[...] a própria consciência ou a tomada de consciência de nossos atos e estados devem ser interpretados como um sistema de mecanismos transmissores de uns reflexos a outros que funcionam corretamente em cada momento consciente. Quanto maior seja o ajuste com que qualquer reflexo interno em qualidade de excitante provoque uma nova série de reflexos procedentes de outros sistemas ou se transmita a outros sistemas, mais capazes seremos de levarmos em conta a nós mesmos de nossas sensações, de comunicá-las aos demais e de vivê-las (VYGOTSKI, 2013, p. 10).

Para o autor, a consciência teria uma explicação possível dentro dos limites da psicologia de sua época, sendo fundamental considerá-la enquanto esse sistema que interliga diversos reflexos a um único sistema e também aos demais sistemas. O inconsciente, pelo contrário, seria o processo pelo qual alguns reflexos não transmitem para outros sistemas. Nesses termos, “[...] a consciência é a sensação das sensações” (VYGOTSKI, 2013, p. 10), isto é, seria explicada por meio do processo de transmissão entre sistemas de reflexos.

O ponto de partida é semelhante ao seu texto de 1924, ou seja, de que a Psicologia ignora uma parte fundamental do comportamento humano, no qual, “Nossa literatura científica evita insistente e intencionadamente o problema da natureza psicológica da consciência e trata de não dar-se

conta dele” (VYGOTSKI, 2013, p. 39). Para desenvolver essa ideia, o autor elabora seis teses que vemos a seguir

(1) A Psicologia ignora o problema da consciência e não consegue explicar o comportamento humano em seus aspectos de menor e maior complexidade, buscando compreender princípios universais que expliquem ao homem, ao animal e a qualquer estrutura existente. Em termos gerais, esse entendimento apaga qualquer diferença do comportamento animal para o comportamento humano (VYGOTSKI, 2013).

(2) A negação da consciência provém da tentativa de negá-la enquanto conceito psicológico. Ignora-se, portanto, que o homem possa se organizar por algo que não está aparente, ou seja, pouco conhecido (VYGOTSKI, 2013).

(3) Ao se apagar a diferença entre homem e animal, a biologia sobressai diante da sociologia, e a fisiologia passa a ser determinante no lugar da psicologia. A explicação reflexológica recorre a duas leis: a lei da extinção, desenvolvida por Pavlov, e a lei dos dominantes, formulada por Ujtomski (VYGOTSKI, 2013).

(4) A exclusão da consciência no âmbito da teoria psicológica reforça o dualismo existente na área: de um lado, a defesa de um comportamento sem psique e, de outro lado, de uma psique sem comportamento (VYGOTSKI, 2013).

(5) Eliminando a consciência, inviabiliza-se também a investigação psicológica, já que a psique aparece como um elemento de segunda ordem e secundária, como um epifenômeno (VYGOTSKI, 2013).

(6) O reflexo tem sido estudado, metodologicamente, enquanto um conceito abstrato. Para manter-se nessa concepção, o comportamento aparece resumido a um conjunto de reflexos, bem como outros problemas da Psicologia. Contudo, as sensações, a linguagem, os gestos, as mímicas, instintos, sonhos, entre outros, são reduzidos a reflexos. Essa redução, além de não explicitar conceitualmente reflexo, também se torna falha para explicar, concretamente, o que seriam sensações, linguagem, etc. Desse modo, o que aparentemente resolveria questões de ordem metodológica, apenas lançam uma penumbra sobre os fenômenos psicológicos investigados (VYGOTSKI, 2013).

A partir das seis teses elencadas, Vygotski (2013) discute que as problemáticas presentes na reflexologia apenas se aproximaram de uma possível explicação do homem, mas ainda não conseguem formular um entendimento adequado à totalidade e à complexidade do ser humano. Portanto, ao ignorar a consciência – entendendo-a como um fenômeno de introspecção – ou compreendê-la enquanto um reflexo qualquer, não seria possível captar ao sujeito. Nas palavras de Vygotski (2013, p. 52):

É pois preciso que na metodologia de investigação psicológica se execute o experimento através de reações secundária da consciência. O comportamento do homem e o estabelecimento nele de novas reações condicionadas vão determinar não somente por reações complexas, manifestas e totalmente explícitas, mas também pelas não reveladas externamente, que não podem ser vistas a simples vista.

Para compreender a ideia de consciência enquanto um sistema de reflexo de ordem secundária, Vigotski apresenta que há um conjunto de reflexos não manifestos que conduzem o comportamento do ser humano. Por exemplo, ao nos depararmos com a palavra “trovão”, é possível formularmos um pensamento interno relacionado ao “relâmpago”. Trovão, nesse sentido, funciona como um reflexo condicionado para a chamada de outro reflexo, no caso o relâmpago. Ainda que a palavra relâmpago não seja externalizado por meio da fala, o fato de existir no pensamento apresenta que há algo de não manifesto e que, portanto, não pode ser captado pelo observador, mas que constitui parte do comportamento do ser humano.

Não é possível levar até o fim uma divisão tal da psique. O que, por sua vez, significa que a consciência não pode ser dirigida a si mesmo e que constitui um fenômeno secundário. Não se pode pensar o próprio pensamento, captar o mecanismo específico da consciência, precisamente porque não é um reflexo, quer dizer, não pode ser objeto de vivência, excitante de um novo reflexo, mas que é um mecanismo transmissor entre sistemas de reflexos. Por outro lado, assim que o pensamento termina, isto é, o reflexo se fecha, ele pode ser observado conscientemente (VYGOTSKI, 2013, p. 55).

Esse entendimento de Vygotski (2013) visa dialogar com duas perspectivas: a de que a consciência não é um mero reflexo e a de que a consciência deve ser incorporada ao fenômeno de estudo psicológico de interpretação e compreensão do ser humano. Nesse sentido, a análise deve estar para além do que o observador pode captar.

Refletindo sobre a articulação entre linguagem e consciência, Vygotski (2013) se depara com a seguinte questão: os reflexos que emergem no ser humano não são inatos, postos de forma incondicionada, mas, são criados pelo homem. Isto é, “A palavra escutada é um excitante; a pronunciada, um reflexo que cria esse mesmo excitante” (p. 56). Nesse entendimento, um reflexo não é tácito e permanente, pode ser reversível, dependendo do emprego social da palavra. Diante dessa questão, Vygotski (2013, p. 56) nos revela que “Estes reflexos reversíveis, que criam a base do comportamento social, servem de coordenação coletiva do comportamento”. Diante dessa concepção, o autor define que a consciência está vinculada a uma dimensão social, explicada através de três elementos fundamentais: a experiência histórica, a experiência social e a experiência duplicada.

De antemão, esses três elementos são encontrados de forma singular na relação que o sujeito estabelece com o mundo, diferindo-se por completo do comportamento animal. A experiência histórica está relacionada à experiência herdada pelo ser humano. Assim:

O homem não se serve unicamente da experiência herdada fisicamente. Toda nossa vida, o trabalho, o comportamento, se baseiam na amplíssima utilização da experiência de gerações anteriores, quer dizer, de uma experiência que não se transmite de pais a filhos através do nascimento (VYGOTSKI, 2013, p. 45).

Esta concepção do ser humano de se apropriar da experiência histórica engendrada na realidade encontra respaldo em Marx (2001, 2011) e em Marx e Engels (2007). Em uma visão histórico-dialética da história humana, o ser humano não existe desvinculado das demais relações que o antecederam. Nesse caso, a atividade humana se estabelece através da atividade anterior objetivada

socialmente. Duarte (2013, p. 37) destaca que “[...] o indivíduo, para se constituir como um ser singular, único, precisa se apropriar dos resultados da história”.

Vygotski (2013) não ignora o fato de que o comportamento humano seja determinado historicamente através da história do gênero humano. Segundo Marx (2004), a atividade vital humana, o trabalho, garante que a apropriação da experiência histórica seja possível para a formação do ser singular.

Junto à experiência histórica, Vygotski (2013) nos apresenta a experiência social como outro elemento constitutivo do comportamento do homem. A experiência social seria a condição para além da experiência particular, que ocorre “[...] entre os reflexos condicionados e elementos isolados do meio, mas também das numerosas conexões que são estabelecidas das experiências de outras pessoas” (VYGOTSKI, 2013, p. 45). Essa experiência seria caracterizada pela apropriação da vivência de outras pessoas que constituem parte integrante do nosso comportamento. Para exemplificar esse processo, podemos conhecer um país sem nunca ter ido até ele, por meio da experiência de outras pessoas, materializadas em relatos, fotos, desenhos, etc.

Por último, a outra forma de experiência é denominada de experiência duplicada. Para esse entendimento, Vygotski (2013) recorre à citação de Marx que abre o presente ensaio, ao discutir a diferença entre o trabalho humano e a atividade instintiva de animais na natureza. Diante da intencionalidade de sanar necessidades específicas, o ser humano não se adapta naturalmente ao contexto em que se encontra, mas produz a condição de reprodução da existência humana. Esse processo, portanto, não é instintivo.

Vygotski (2013) sinaliza que essas três formas de experiência não constituem algo psicologicamente distinto, já que não há como separar e segmentar essas experiências que se apresentam unidas no comportamento do indivíduo. Nesse caso, a consciência pode ser compreendida através dessas formas estruturantes. Dessa forma, “Tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro” (VYGOTSKI, 2013, p. 57). O autor defende que a consciência não é o entendimento pleno das relações circundantes, já que ela, enquanto estado, também é mobilizada pelo processo de conscientização. Não há, então, algo estático, mas sim movimento, que permite ao indivíduo compreender ao outro e a si, o que também o leva a novas incursões as quais antes não seria possível. Não há como desvincular a consciência do processo de formação humana.

Posto isto, a relação consciência-conscientização é uma chave para superação da dicotomia corpo-mente e também para um processo social emancipatório. Se a formação humana esbarra no dever-ser incrustado em pressupostos individualistas, Vygotski mostra um caminho de formação que absorve a teleologia como devir sem materializar um elemento a aprisionar sujeitos e indivíduos. Esse devir pode constituir-se em uma unidade superadora dos dualismos.

### ***Considerações: apontamentos para a formação humana***

Vigotski é um autor que abre diferentes possibilidades de compreensão de diversos movimentos em distintos campos de conhecimento. Ao longo do presente artigo, procuramos apontar o problema da crise na Psicologia.

Deste problema, Vigotski nos oferece uma maneira de compreender o conhecimento da Psicologia, reconhecendo uma dívida de origem com a Filosofia, mas mostrando que diferentes suportes teóricos não auxiliam no reconhecimento do objeto explicativo na especificidade dos fenômenos psicológicos, pois isto seria uma questão de Método. Nesse sentido, o marxismo oferta boas referências para negação e superação da pluralidade de supostos teóricos que estariam crivados por um dualismo estrutural por dentro desses supostos. Estamos diante de uma teoria de corte marxista que fornece elementos para o desenvolvimento dialético da crise na Psicologia e assim das gotas de chuva.

Com efeito, faz-se necessária a superação do dualismo por um processo unitário de compreensão do homem. Para tanto, alguns elementos podem ser levantados:

1-A consciência como um elemento norteador teórico-metodológico do objeto explicativo homem-hominização;

2-A conscientização, no desdobramento e em conjunto com a consciência, no processo de referência do *em si* ao *para si*;

3-A importância da formação humana e do desenvolvimento coletivo das funções psicológicas superiores na produção da emancipação humana e do usufruto dos bens da humanidade.

Por fim, cabe ainda salientarmos a relevância de mais estudos de e sobre Vigotski no interior do campo da Psicologia e de outras diferentes áreas, com vistas ao bom aproveitamento deste autor, em especial como autor marxista que amplia diferentes possibilidades em variados temas, mais especialmente no desenvolvimento da compreensão do humano.

### **Referências:**

AITA, E. B.; TULESKI, S. C. **O conceito de inconsciente para Vigotski:** primeiras aproximações. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 33, p. 62-71, 2021.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado.** Lisboa: Presença, 1980.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.** (4. ed.). Porto Alegre: Artmed, 1999.

DELARI JUNIOR, Achilles. **Vigotski: Consciência, Linguagem e Subjetividade.** Campinas: Alínea, 2013.

ENGELS, F. O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. **MARXIST.ORG.** Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>, 2004. Acesso em 13 de jan. de 2023.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 2010.

FROMM, E. **Conceito marxista do homem.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

GONZALEZ, A. **Inconsciente:** un diálogo entre Freud y Vigotsky. *Psychologia Latina*, v. 2, n. 2, p. 158-171, 2011.

- MARCUSE, H. **Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1999.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, K. **O Capital** (livro I). São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, K. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PAVLOV, I. P. **Reflexos Condicionados, Inibição e outros Textos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.
- PESSANHA, P. H. C. **O inconsciente na psicologia histórico-cultural de Vigotski: um estudo conceitual**. 2015. Orientador: Marcelo Dalla Vecchia. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São José Del-Rei, São José Del-Rei, 2015.
- PRESTES, Z. R. **Quando não é quase a mesma coisa: uma análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil – repercussões no campo educacional**. 2010. Orientador: Elizabeth Tunes. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- RIVIÈRE, Angel. **La psicología de Vygotski**. Madrid: Machado Libros, 2002.
- SANTOS, L G. **Inconsciente: uma reflexão desde a Psicologia de Vigotski**. 2015. Orientador: Bader Burihan Sawaia. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SANTOS, L. G.; LEÃO, I. B. O inconsciente sócio-histórico: notas sobre uma abordagem dialética da relação consciente-inconsciente. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 638-647, 2012.
- SANTOS, L. G.; LEÃO, I. B. O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 38-47, 2014.
- SHUARE, Marta. **La psicología soviética tal como yo la veo**. Moscú: Progreso, 1990.
- SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SOUZA, J. A. M. Lenin em Vigotski: do espontaneísmo inconsciente ao desenvolvimento da consciência. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 12, n. 2, p. 322-334, 2020.
- TOASSA, G. Conceito de Consciência em Vigotski. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17(2), p. 59-83, 2006.
- TORRES, M. Alcances e Limites do Sindicalismo: contribuições críticas de Friedrich Engels e Karl Marx. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 280-295, dez. 2020.
- VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas**. Tomo I [Sobrania Sochinenii Tom pervyii. Voprosy teorii istorii psijologuii]. Madrid: Machado Libros, 2013.
- VYGOTSKI, L.S. **Psicología del Arte**. [Traducción: Victoriano Imbert]. México: Fontamara, 2005.
- ZANELA, J. et al. Do homem ao Trabalhador: implicações para a formação humana do trabalhador. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 12, n. 3, p.130-151, dez. 2020.

**Notas:**

---

<sup>1</sup> Mestra em educação escolar (UNESP). Professora do departamento de Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Grupos de Estudos e Pesquisas Vitor Marinho (UFRJ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3518871176292224>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5002-2254>. E-mail: jezanela@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutor pelo Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ). Professor Associado na UFRJ. Membro do Grupos de Estudos e Pesquisas Vitor Marinho (UFRJ). Currículo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6877528396959109>.  
E-mail: andremalina@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5832-812X>

E-

<sup>3</sup> Pós-doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH - UERJ). Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lotada na Escola de Educação Física e Desportos no Departamento de Lutas - nos cursos de Licenciatura e Graduação (bacharelado). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Vitor Marinho (UFRJ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3376539356185938>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2378-3936>. E-mail: angelaestagio@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Pós-doutor pela Universidade de Salamanca na Espanha. Docente aposentado do Departamento de Educação e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Campus de Presidente Prudente. líder do Grupo de Pesquisa: Cultura Corporal: saberes e fazeres e coordena o Centro de Estudo e Pesquisa em educação ludicidade, infância e juventude. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7758444123838079>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5519-2618>. E-mail: milton.lima@unesp.br

<sup>5</sup>A citação “sobre gotas de chuva”, feita por Vigotski em relação à crise da Psicologia, inspira o título de nosso trabalho.

<sup>6</sup>Todas as traduções do espanhol para o português são de responsabilidade dos autores.

<sup>7</sup> A Psicanálise não se resume a Freud. Ao longo do processo de síntese, surgiram diferentes escolas que, em certa medida, recuperam a produção de Freud, avançam, ou, em alguns casos, rompem com o autor. No presente artigo, restringimo-nos à psicanálise freudiana. Além disso, frisamos que Freud elabora a psicanálise enquanto um campo de estudo apartado da Psicologia, embora, neste estudo, tratamos os fundamentos da psicanálise enquanto uma abordagem existente na Psicologia.

Recebido em: 04 de fev.2023

Aprovado em: 30 de mar.2023